

38

Revista Portuguesa de História

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 08

Símbolos e Ícones da Nação. Exame comparativo entre os símbolos da “Mensagem” de Fernando Pessoa e os símbolos figurados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

MARCO DANIEL DUARTE
Investigador

Doutorando em História da Arte - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Observada a história portuguesa em linha diacrónica, podem procurar-se nela momentos diversos em que os símbolos pátrios, urdidos através dos cânones das obras de arte, se viram convocados para servirem, por um lado, ideais estéticos, mas, também, não raras vezes, ideológicos e políticos. Apenas para apontarmos exemplos muito estudados, poderíamos fixar-nos na campanha nacionalista que, nos últimos anos de Oitocentos, esteve subjacente aos ideais republicanos; poderíamos lembrar-nos de como ela esteve alicerçada em símbolos que ajudariam à doutrinação de importantes franjas da sociedade e levariam, em conexão com outras estratégias, obviamente, à instituição da República, sistema político e ideológico que logo seria figurado de forma icónica envolta de símbolos, personificações e alegorias¹. Se continuássemos a observar o período

¹ Por serem questões muito estudadas pela historiografia, estas matérias encontram-se já sintetizadas em obras gerais de consulta e por esta razão pragmática as indicamos. Para a última década do século XIX, veja-se o capítulo “O Estado e o patriotismo” de Rui RAMOS, em *A Segunda Fundação (1890-1926)*, sexto volume de *História de Portugal*, direcção de José MATTOSO, p. 69 e seguintes. Na mesma obra, para os anos “post” Cinco de Outubro, veja-se a parte “O Nascimento de uma Nação”, mormente nas páginas correspondentes a “Do Patriotismo ao Nacionalismo” (p. 567 e 568). Para um estudo mais refinado, veja-se a obra de Fernando CATROGA, *O republi-*

histórico subsequente à Primeira República, mais nos aperceberíamos de que, com efeito, a governança ideológica se mune de símbolos e os chama a si para, através deles, fazer transmitir determinados ideais. Com efeito, nas décadas do Estado Novo (todavia com uma argumentação doutrinal diversa da do contexto republicano)², a campanha nacionalista prolongava-se, tendo os ideais pátrios continuado a sustentar o discurso político-ideológico, adquirindo este discurso, inclusivamente, contornos ainda mais vinculados que os que estavam no substrato dos programas do republicanismo. Nestes contextos históricos (Primeira República e Estado Novo, aqui apontados meramente como exemplificativos, por serem, neste pequeno ensaio, balizas cronológicas próximas das obras em estudo), os símbolos – materializados na imagem plástica ou na imagem verbal – foram elementos importantes que concorreram para legitimação de ideias e, ainda mais, para a transmissão dessas ideias, auferindo estas uma justificação mais penetrante e segura junto de quem interessava catequizar.

Como deixamos intuir, o recurso ao símbolo é uma estratégia antiga, presente em todas as sociedades organizadas que tenham consciência do poder do objecto simbólico e dos efeitos que esse objecto produz no indivíduo e na comunidade. Os criadores de arte, mais ou menos adentro das estéticas vigentes, mais ou menos afastados da manipulação política e mais inocentes ou mais inconscientes do valor dos símbolos, recorrem a eles com grande frequência por neles reconhecerem superior valor de expressividade e de comunicabilidade. Muitas vezes fazem-no segundo planos que lhes são propostos, outras vezes, que certamente não serão raras, apenas por quererem criar obra de arte assente em linguagem simbólica. Neste último caso, talvez até mais que no primeiro, terão consciência das suas escolhas e opções simbólicas e revelam um conhecimento profundo das potencialidades dos símbolos, garantindo para a sua

canismo em Portugal: da formação ao 5 de Outubro de 1910, Lisboa, Editorial Notícias, 2000 (2.ª edição). Veja-se, ainda, sobre a evolução das movimentações republicanas no advento da implantação da República, Amadeu Carvalho HOMEM, *A Propaganda Republicana. 1870-1910*, Coimbra, s. e., 1990.

² Dos muitos estudos que se poderiam apresentar, pelas mesmas razões apontadas na nota anterior, indicamos, de Jorge Ramos do Ó, *Salazarismo e Cultura* (p. 387-454), nomeadamente as p. 421 e seguintes, em Fernando ROSAS (coordenação), *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, volume XII de Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES (direcção), *Nova História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990. De grande utilidade, por nele se analisarem as comemorações oficiais, plenas de simbologia, do tempo do final da Monarquia, da Primeira República e do Estado Novo, é o estudo de Maria Isabel JOÃO, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1980-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. Por esta tese doutoral se pode verificar como as práticas, os ritos, a iconografia e os discursos produzidos em ordem às várias comemorações estavam prenhes de símbolos.